

# Uma visão sistêmica do processo criador

Célia Nunes Silva / Universidade Federal da Bahia  
Sílvia Maria Guerra Anastácio / Universidade Federal da Bahia

No *man* is an island, intire of it self; every man is a peece of the continent, a part of the maine [...] any mans death *diminishes* me, *because* I *am* involved in the mankinde<sup>1</sup>...

No poet, no artist of any art, has his complete meaning alone. His significance, his appreciation is the appreciation of his relation to the dead poets and artists. The necessity that he shall conform, that he shall cohere, is not one sided (...) The existing monuments form an ideal order among themselves, which is modified by the introduction of the new (the really new) work of art among them. The existing order is complete before the new work arrives; for order to persist (...) the whole existing order must be (...) altered; and so the relations, proportions, values of each work of art toward the whole are readjusted; and this is conformity between the old and the new (...). The past should be altered by the present as much as the present is directed by the past...<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> DONNE, John *apud* POORE, Charles (ed.). *The Hemingway reader*. New York: Charles Scribner's Sons, 1968, p.519.

<sup>2</sup> BRADLEY, Sculley et alii. *The American tradition in Literature*. New York: Norton Book, 1990, pp. 1270-1.

## INTRODUÇÃO

A abordagem sistêmica faz uma leitura da realidade distinta da abordagem mecanicista, ampliando a sua perspectiva para dar um novo entendimento a fenômenos até então sem resposta, ou com uma resposta apenas parcial segundo a visão mecanicista. A crítica genética pode utilizar-se da abordagem sistêmica para compreender a teia ou a rede semiótica de relações que compõe o processo de criação.

## A ABORDAGEM SISTÊMICA E O MODELO CIBERNÉTICO

A visão sistêmica parte do pressuposto de que existe uma inter-relação e interdependência entre todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais ou culturais-, e que as propriedades essenciais de um organismo ou sistema vivo são propriedades de um todo, de um conjunto. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades se diluem quando o sistema é visto de modo fragmentado, em elementos isolados<sup>3</sup>.

Para a concepção predominantemente mecanicista da vida, o funcionamento dos organismos vivos é comparado ao das máquinas. Esta comparação justifica-se pelo fato dos organismos vivos agirem como se fossem máquinas – compostos de ossos, músculos, circulação sanguínea e, também, porque entender o funcionamento mecânico foi importante para a evolução da ciência médica, desde o século XVII até meados do século XX. Na verdade, a descrição mecanicista foi útil e necessária, mas esse entendimento torna-

---

<sup>3</sup> CAPRA, F. *A teia da vida*. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 40.

se perigoso quando tomado como uma explicação completa e suficiente para se entender os todos os fenômenos. Isto porque não se pode reduzir o organismo vivo apenas às suas propriedades mecânicas. Quando se considera a sua natureza sistêmica, ela mostra-se muita mais complexa que a abordagem mecanicista pode explicar. Assim, o organismo é visto como um sistema vivo e não uma mera máquina.

Ao contrário da abordagem mecanicista, a sistêmica enfatiza princípios básicos de organização, vê o mundo em termos de relações e de integração; enfim, como uma rede complexa de interconexões, constituindo totalidades integradas, cujas estruturas resultam das interações e interdependência de suas respectivas partes. As propriedades sistêmicas desaparecem quando um sistema é observado em seus elementos isolados sem se levar em consideração as suas interrelações com o meio no qual está inserido; e aparecem em suas relações vistas dentro de um contexto. Uma característica importante dos sistemas vivos é a sua natureza dinâmica<sup>4</sup>, aberta, sempre em processo de transformação e reconfiguração. Assim, sob essa ótica suas formas não seriam, portanto, estruturas rígidas, mas manifestações flexíveis. Enfatiza-se, então, o processo e não as entidades isoladas, dentro dessa visão de mundo que privilegia a complexidade, a mobilidade e a flexibilidade.

Deve-se recordar que o que serviu de modelo para a filosofia mecanicista descrita por Descartes e Newton no século XVII foi o da observação das engrenagens de um relógio, analisadas do ponto de vista mecânico, ou seja, cada parte vista isoladamente. Mas há diferenças fundamentais entre as máquinas e os organismos vivos, tais como:

– o funcionamento das máquinas é ditado por sua estrutura, enquanto que no caso dos organismos, a estrutura orgânica aparece determinada por seu respectivo processo de funcionamento;

– a máquina pode ser construída reunindo-se e montando-se um número definido de peças de um modo preciso, previamente estabelecido, enquanto que os organismos têm flexibilidade e plasticidade interna;

– o formato dos elementos que compõe um sistema vivo pode variar dentro de certos limites e não há dois organismos que tenham peças rigorosamente iguais. Embora o organismo como um todo exiba regularidades e comportamentos definidos, as relações entre as partes não são rigidamente determinadas, como no caso das máquinas, e há uma ordem nos organismos que resulta de atividades coordenadas, as quais não constroem rigidamente as partes;

– a máquina construída tende a permanecer do modo como fora concebida (a menos que sofra uma avaria ou um desgaste), enquanto que os organismos vivos crescem, evoluem se modificam, o que significa que é necessário compreender o processo que reflete a organização de um determinado sistema;

– as máquinas funcionam de acordo com cadeias lineares de causa e efeito, de tal forma que, quando sofrem uma avaria, o dano pode ser identificado, procurando-se uma causa única para tal defeito; já os organismos são guiados por modelos cíclicos de fluxo de informação, conhecidos como laços de realimentação, quando um sistema sofre avaria, esta é, com frequência, causada por múltiplos fatores, que podem ampliar-se reciprocamente através de laços interdependentes de realimentação.

Portanto, é irrelevante associar causas únicas a fenômenos específicos em uma visão sistêmica; não existem

---

<sup>4</sup> Ibidem, p. 46.

causas únicas e, conseqüentemente, não há como definir pontos iniciais a respeito de discussões sobre sistemas em que diversos fatores são partes integrantes de um todo, obedecendo a certa ordem e se adaptando a certa organização<sup>5</sup>. Há, por isso, no sistema, uma margem para variação contínua e flexibilidade, o que habilita os organismos vivos a sempre se adaptarem às novas circunstâncias. O que se pode concluir deste cotejo entre os organismos vivos e as máquinas é que os sistemas vivos são auto-organizados, ou seja, sua estrutura e seu funcionamento não vêm impostos, simplesmente, pelo meio ambiente, mas regulados pelo próprio sistema.

Além disso, esses sistemas vivos possuem, ainda, um alto grau de estabilidade dinâmica, que não é um equilíbrio estático. Consiste em manter a mesma estrutura global, apesar de mudanças e substituições contínuas de seus componentes. Ilya Prigogine, prêmio Nobel de química, desenvolveu uma teoria dinâmica para descrever o comportamento desses sistemas. Prigogine chamou-os de “estruturas dissipativas” para expressar o fato de que mantêm e desenvolvem uma determinada estrutura mediante a decomposição de tantas outras no seu processo de metabolismo, gerando assim uma entropia – desordem – subsequentemente dissipada na forma de produtos residuais degradados<sup>6</sup>.

Todo esse processo ocorre em uma interação contínua com o meio; mas tal interação influi, mas não determina a sua organização, pois a auto-determinação do organismo vivo é regulada especialmente por duas características. São elas: a

auto-renovação, que é a capacidade do sistema vivo de renovar-se e reciclar continuamente seus componentes, sem deixar de manter a integridade da própria estrutura global; e a auto-transcendência, que é a capacidade de se dirigir criativamente para além das próprias fronteiras, interagindo com outros sistemas. Assim, os organismos são sistemas abertos, ou seja, mantêm uma troca contínua de energia e matéria com o seu meio ambiente a fim de permanecerem vivos. Essa interrelação faz com que os sistemas vivos estejam situados em um estado distante do equilíbrio termodinâmico, sempre em atividade<sup>7</sup>.

A auto-renovação é um aspecto essencial do organismo vivo. As células subdividem-se e são capazes de gerar estruturas, como os tecidos e órgãos, cujas células vão se renovando através de ciclos contínuos. Esses processos de renovação são regulados de modo que o padrão geral do organismo fique preservado e tal capacidade de auto-manutenção persiste, mesmo perante uma grande variedade de circunstâncias, incluindo a mudança de condições ambientais, bem como outras interferências<sup>8</sup>. Assim, um organismo manterá seu funcionamento em um ambiente variável, permanecendo em condição operacional e regenerando-se através da cura. O poder de regeneração das estruturas orgânicas, entretanto, diminui com a crescente complexidade do organismo e, apesar da sua capacidade de renovação, o organismo não funciona indefinidamente, envelhece e morre.

Essa capacidade de auto-organização ou auto-regeneração apresenta duas características importantes: a auto-conservação, que inclui os processos de auto-renovação, cura,

---

<sup>5</sup> SALLES, C. *Redes da criação*. Construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

<sup>6</sup> PESSIS-PARTERNAK *et al.* *Do caos à inteligência artificial*. Entrevistas com Ilya Prigogine e outros cientistas. São Paulo: UNESP, 1993, p. 35.

---

<sup>7</sup> CAPRA, F. *As conexões ocultas*. Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 48.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 50.

homeostase e adaptação; e a outra ocorre através do processo de auto-transformação, até mesmo de auto-transcendência, que se expressa nos processos de aprendizagem, desenvolvimento e evolução. Os organismos vivos têm um potencial inerente para se superarem a si mesmos a fim de criarem novas estruturas e novos tipos de comportamentos.

Portanto, qualquer sistema vivo pode ser descrito em termos de variáveis interdependentes, cada uma das quais oscilando em uma ampla faixa de tolerância. Em realidade, o sistema funciona em estado de contínua flutuação, até mesmo quando não existe grande perturbação; ou seja, ele tem uma grande flexibilidade, que lhe permite um maior número de opções para interagir com o meio ambiente. Quando ocorre alguma perturbação ou interferência externa, o organismo tende a regressar ao seu estado original através de mecanismos de realimentação, que entram em funcionamento e tendem a reduzir qualquer desvio do estado de equilíbrio. Trata-se da realimentação negativa. Mas existe também a realimentação positiva, que amplia certos desvios em vez de amortecê-los. A realimentação positiva é importante nos processos de aprendizagem, pois tende a desencadear saltos qualitativos no desenvolvimento do sistema<sup>9</sup>.

Outra tendência do princípio de auto-organização que ocorre nos sistemas vivos é formar estruturas de múltiplos níveis, que diferem em sua complexidade. Em cada nível de complexidade, as partes menores formam sistemas integrados e atuam ao mesmo tempo como partes de totalidades maiores. Os sistemas complexos podem decompor-se em vários subsistemas. Em cada nível, existe um equilíbrio dinâmico

---

<sup>9</sup> CAPRA, F. *O ponto de mutação*. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. SP: Cultrix, 1982, p. 268.

entre as tendências auto-integrativas e os *holons* atuam como interfaces interligando os vários níveis sistêmicos. Artur Koesler cunhou o termo *holon*, do grego *holos*, que significa “todo”; este é aqui acrescido do sufixo *on*, que sugere “uma partícula” ou “parte”<sup>10</sup>. Assim, a palavra *holon* contém, ao mesmo tempo, a parte e o todo.

Por sua vez, os organismos estão inseridos em ecossistemas, mas são eles próprios ecossistemas complexos, contendo uma infinidade de organismos menores, que possuem uma considerável autonomia<sup>11</sup>, mas, ao mesmo tempo, integram-se harmoniosamente na articulação de um todo. No mundo vivo, é frequente a associação dos organismos para o estabelecimento de vínculos e haver cooperação entre as partes envolvidas em relação ao todo que estas compõem. Tal como os organismos individuais, os ecossistemas são sistemas auto-organizadores e auto-reguladores nos quais determinadas populações de organismos sofrem flutuações periódicas. Num ecossistema equilibrado, animais e plantas convivem numa combinação de competição e mútua dependência. A maioria das relações entre organismos vivos é essencialmente cooperativa, caracterizada pela coexistência e pela interdependência.

Os sistemas vivem em homeostase, um estado de equilíbrio dinâmico caracterizado por flutuações múltiplas e interdependentes. Quando o sistema é perturbado ou sofre interferências, tem a tendência a voltar à estabilidade por meio de mecanismos de realimentação negativa, que buscam reduzir

---

<sup>10</sup> MINUCHIN, S. *Sistemas familiares*. Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 23.

<sup>11</sup> CAPRA, F. *As conexões ocultas*. Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 46.

o desvio. Outra possibilidade é que os desvios possam ser internamente reforçados através da realimentação positiva, em resposta a mudanças ambientais ou espontaneamente, sem qualquer influência externa, levando a uma mudança de maior complexidade. Assim, a estabilidade dos sistemas vivos nunca é absoluta. Ela persistirá enquanto as flutuações se mantiverem abaixo de um nível crítico, mas qualquer sistema está sempre pronto a transformar-se. E é dentro dessa dança de homeostase e transformação, que o modelo cibernético da realidade se associa à visão sistêmica dos fenômenos para enriquecê-la, ainda mais<sup>12</sup>.

#### O MODELO SISTÊMICO-CIBERNÉTICO E A DINÂMICA DO PROCESSO CRIADOR

O termo *cibernética* tem a sua origem no grego *Kybernetike*, que significa “arte de pilotar” e no latim, *Sibu*, que quer dizer “pequena quantidade de alimento”. Posteriormente, passou a significar “governo”<sup>13</sup>. Em 1940, o estudioso Norbert Wiener usou o termo para identificar o modelo científico que encampava diversas áreas do saber humano (especialmente conceitos de informação e de organização), adotando uma visão sistêmica da realidade e contestando, conseqüentemente, a perspectiva reducionista da época. A visão tradicional buscava explicar os fenômenos observados dentro de uma perspectiva linear, dentro de uma lógica de causa e efeito, privilegiando uma abordagem objetivista; esta era visão que afirmava existirem normas

<sup>12</sup> CAPRA, F. *A teia da vida*. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 61.

<sup>13</sup> VASCONCELLOS, M. J. E. *Terapia familiar sistêmica*. Bases cibernéticas. Rio de Janeiro: Editorial PSY II, 1995, p. 75.

objetivas e de validade geral para interpretar os mais diversos fenômenos. Coincidia, naturalmente, com os estudos científicos que enfatizavam uma visão mecanicista, segundo a qual as disciplinas constituíam saberes estanques; não se adotava, portanto, uma perspectiva que privilegiasse uma interação entre os diversos campos do saber.

Esta abordagem opunha-se, então, à perspectiva do movimento cibernético visto como sistêmico, que só poderia ser compreendido em termos de relações e integrações de seus elementos; tal perspectiva sistêmica serviu para lançar uma luz mais clara ao entendimento das ciências humanas. Dentro de um sistema, os elementos são tomados no seu fluxo dinâmico e segundo uma visão de conjunto, não isoladamente. Assim, o pensamento sistêmico é aberto, processual e dinâmico.

A rede conceitual derivada da cibernética compreende duas subdivisões: a chamada cibernética de 1ª ordem, que data da década de 40 até final dos anos 60 a 70. Esta privilegiava o estudo dos mecanismos e processos homeostáticos, pregando que os sistemas estariam sempre buscando tal homeostase, procurando um equilíbrio estático e temendo qualquer desestabilização, crise ou desordem. Acreditava-se, também, que a realidade observada era independente do seu observador.

Mas dentro desse espaço, onde ficaria o criador, se o papel do artista é o de, frequentemente, desequilibrar o sistema observado para que este recupere um novo equilíbrio, embora mais enriquecido? Na sua maneira alternativa, questionadora, transgressora e, com frequência desestabilizadora, não estaria também o artista, com frequência, propondo paradoxalmente novas metas que acabariam gerando a auto-manutenção de todo um equilíbrio sistêmico? Um equilíbrio que seria também facilitado pela inclusão de um signo estético privilegiado ou uma nova obra de arte no sistema com a qual o criador interage,

na medida em que vai fazendo as suas múltiplas escolhas no caminho da criação?

Tal abordagem inclui o observador como parte do sistema observado, o qual, ao mesmo tempo, afeta e é afetado por esse observador; este se insere dentro de um equilíbrio dinâmico, em que se adota uma visão do signo estético em constante mudança e capaz de se auto-organizar, de se auto-regular, dentro de um padrão sistêmico com leis próprias. Há nesta cibernética de 2<sup>a</sup> ordem, uma maior abertura, uma tolerância maior ao desvio, não mais considerado como um perigo a ser evitado, mas como uma forma de mudança, que pode levar a um salto qualitativo, ao se propor uma nova arrumação do sistema. Nessa cibernética de 2<sup>a</sup> ordem, portanto, a retroalimentação positiva é bem vinda e estimulada.

Afinal, quais seriam as ideologias subjacentes a cada uma dessas visões? Dentro da perspectiva da cibernética de primeira ordem, estaria embutida uma visão moderna de observação do fenômeno, em que prevalecia a busca de estabilidade, de homeostase e repúdio ao desvio porque a ideologia subjacente era de que haveria uma única verdade a ser buscada; logo, qualquer desvio, qualquer caminho alternativo deveria ser evitado dentro de uma visão sistêmica em que o observador e o fenômeno observado fossem vistos como elementos tomados separadamente. Um não se articularia com o outro, pois o observador estaria fora daquele fenômeno observado. Existiria, então, uma única realidade, um uni-verso, que o cientista buscaria descrever.

Ao contrário, na visão defendida pelo filósofo contemporâneo Michel Foucault (1999) não haveria uma única verdade, mas múltiplas verdades, um multi-verso, diversos olhares possíveis do mesmo fenômeno. Há, pois, maior flexibilidade, maior tolerância ao desvio, à complexidade, ao

caos; dentro desta linha, os caminhos alternativos não são apenas aceitos, mas até encorajados. Segundo a abordagem fenomenológica da contemporaneidade, a visão diádica observador-fenômeno observado cai por terra, dando lugar a uma mônada, a um fluxo interativo contínuo, em que o observador está dentro do sistema, faz parte dele; não só atinge o fenômeno, como é por ele atingido, ambos articulando-se em uma teia de relações.

Logo, de acordo com a visão sistêmica da 2<sup>a</sup> cibernética, a evolução acontece longe do equilíbrio e desenrola-se através de um movimento de interação, de adaptação e criação. Além disso, a teoria dos sistemas considera que o meio ambiente é, em si mesmo, um sistema vivo capaz de adaptação e, conseqüentemente, o foco transfere-se da evolução de um organismo para a co-evolução de um organismo mais meio ambiente. E acredita-se que quando um sistema se torna instável, ele é capaz de evoluir para novas estruturas, sendo que quanto mais se distanciar do equilíbrio, mais opções de mudanças surgirão. Seria impossível prever qual dessas opções de mudança vai se impor, ao longo do percurso, já que se trata de um complexo processo aberto e indeterminado. Esta visão é comungada pelo teórico Von Bertalanffy<sup>14</sup>, que afirma que os sistemas seriam “complexos de elementos colocados em interação”, que conduziriam a um número aberto de escolhas e caminhos criativos, apontando para os mais diversos ramos do saber.

#### CRIAÇÃO COMO REDE SISTÊMICA

---

<sup>14</sup> VON BERTALANFFY, L. *The meaning of general system theory*. New York: Braziller, 1968, p. 33.

É possível fazer uma analogia entre esses sistemas complexos, compostos por redes de interconexões, e os estudos dos processos de criação. No caso do autor e seus respectivos dossiês genéticos, importa considerar os comportamentos comunicativos dos criadores e as operações recorrentes indiciadas em um determinado processo genético. Os elementos desse sistema sócio-aberto, que constitui a grande aventura criativa, ou melhor, dos sistemas interacionais aí implicados, seriam descritos como: redes de sujeitos-comunicando-com-outros-sujeitos-na-cultura e manuscritos-diversos-comunicando-com-vários- documentos-processuais inter-relacionados em uma trajetória aberta e dinâmica.

Todas essas redes se encontram em contínua eferescência, sofrendo o processo de criação a interferência de forças externas e internas. As externas se processam, especialmente, através do diálogo com outros artistas, seus contemporâneos, ou mesmo com aqueles que o tenham antecedido<sup>15</sup>; ou através da força dos críticos de arte da época, que podem interferir de forma constritiva na criação; ou ainda, através do poder da patronagem, também restritivo, que atua via instituições (editora, escola, igreja, ou qualquer patrocínio), impondo-lhe censura ou até a ideologia do poder hegemônico<sup>16</sup>. Como forças internas, poder-se-ia mencionar a influência dos próprios pares de trabalho do criador; ou os leitores privilegiados, que tenham acesso aos bastidores de uma determinada criação, o que pode ocorrer até por correspondência, ou hoje em dia, por troca de emails. Neste

<sup>15</sup> ELIOT, T.S. Tradition and individual talent. In: *Critical theory since Plato*. New York: Ed. Hazard Adams, 1971, p. 761-764.

<sup>16</sup> LEFEVÈRE, A. The system: patronage. In: LEFEVÈRE, A. *Translation, rewriting and the manipulation of literary frame*. London: Routledge, 1992, p. 11-25.

caso, o que é importante não seria apenas o conteúdo da comunicação *per se*, mas, o aspecto relacional da comunicação, que se estabelece ao longo de um percurso genético<sup>17</sup> e que serve como força motriz para fazer circular energia entre os documentos de gênese. Rascunhos esses que, aparentemente, constituem um caos, mas que podem ser vistos como um caos fecundo; há, na verdade, uma ordem subjacente que, aos poucos vai se impondo e que, à primeira vista, pode não ser percebida pelo geneticista. Só, pouco a pouco, é que esse processo dinâmico costuma ir sugerindo como ocorre esse processo dinâmico. Segundo Salles:

Uma memória criadora em ação [...] também deve ser vista nessa perspectiva de mobilidade: não como um local de armazenamento de informações, mas um processo dinâmico que se modifica como o tempo. Novas perspectivas sensíveis de um olhar, que não conhece fixidez, impõe modificações e novas conexões [...]<sup>18</sup>

Numa sequência comunicacional, toda e qualquer troca de mensagens restringe o número de possíveis movimentos subsequentes. Nas comunicações - e o processo de criação é um processo comunicativo, que se processa em uma rede de conexões-, os elementos analisados são vistos numa cadeia sócio em que cada signo reage de forma singular dentro de uma relação de operações genéticas. Cada signo pode confirmar, rejeitar ou modificar outros signos da cadeia semiótica em que esteja inserido. Nesse jogo de relações, há

<sup>17</sup> WATZLAWICK, P. et al. *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: 1967, p. 110.

<sup>18</sup> SALLES, C. *Redes da criação*. Construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006, p. 19-20.

uma tendência dos elementos se estabilizarem através do que se chama de “regras das relações”; ou seja, através de padrões que se repetem e que vão revelar as leis de um determinado sistema<sup>19</sup>.

Pode-se observar, então, que existem dois tipos de sistema: um aberto, onde há trocas com o ambiente; e outro fechado, onde não há fluxo contínuo de *material* componente com o meio que o circunda. Há certas propriedades comungadas pelo sistema criativo, que o caracterizam como um sistema aberto, a serem destacadas como: globalidade, retroalimentação e equifinalidade<sup>20</sup>.

A globalidade refere-se ao fato de que, em um sistema, as partes não são independentes, mas sim, interdependentes, de modo que havendo uma mudança em uma das partes esta modificará todas as partes do sistema como um todo. Isto ocorre porque em um sistema, todas as partes estão em interação; sem interação não existe sistema, mas simplesmente a soma de entidades separadas. No sistema, faz-se necessário negligenciar as partes pela *gestalt* e atentar para sua organização, para sua complexidade. O princípio da globalidade é contrário ao das relações unilaterais entre elementos; segundo a visão unilateral, o fenômeno A pode afetar B, mas, não o inverso. Assim, afirmar que o fenômeno A causa o comportamento do B é ignorar o efeito do comportamento de B sobre a reação subsequente de A, e assim por diante, o que ocorre, continuamente, em um sistema aberto.

A teoria da comunicação chama de “pontuação” o fato de se dar mais ênfase a certos comportamentos ou a certas

relações sígnicas em detrimento de outras, muitas vezes, tão válidas e relevantes<sup>21</sup>. É fácil perder-se de vista a globalidade da interação, decompondo-a em unidades independentes e linearmente causais, quando em realidade, em uma rede sígnica criativa, os elementos encaixam-se mutuamente.

Refletindo sobre as peças do prototexto de um projeto genético, observa-se essa articulação, entre os diversos tipos de registros nos manuscritos de trabalho de um autor: anotações, rascunhos, versões, roteiros, enfim, todo o tipo de documentos de processo, comprovando-se a validade dessa propriedade da globalidade dentro da rede da criação. E, em certo momento da criação, algum tipo de registro recebe uma pontuação maior que a outra, tornando-se um signo privilegiado e possível produtor de matrizes geradoras, que são férteis convergências de signos em expansão associativa<sup>22</sup>, no momento da criação:

No acompanhamento dos diferentes modos de desenvolvimento do pensamento em criação, observamos cruzamentos de matrizes, que poderiam ser definidas como formas de armazenamento de dados. O poder gerativo dessas matrizes está exatamente nas operações de combinação. Um espaço interessante para observarmos matrizes se cruzando parece ser as interações entre as escolhas dos procedimentos no processo de construção da obra e a definição daquilo que o artista quer de sua obra (a tendência específica da obra em construção).

Dentro desse processo de construção com tendência ou uma finalidade específica, destaca-se a ação da propriedade da retroalimentação, que enfatiza as relações entre os elementos de

<sup>19</sup> WATZLAWICK, P. *et al. Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: 1967.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> SALLES, C. *Redes da criação*. Construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006, p. 125



um sistema circular e não-linear. Dentro desse padrão de circularidade, os elementos do sistema levam-no a corrigir o seu próprio funcionamento e é importante considerar toda uma cadeia de eventos, não cada um deles tomado separadamente. Privilegia-se, pois, não apenas uma visão linear, mas também, principalmente, uma perspectiva mais complexa, segundo a qual toda a perturbação sobre o sistema atingirá a sua totalidade. Esta propriedade traz complexidade ao sistema e mostra que sua lógica e epistemologia são descontínuas.

Assim, os sistemas interpessoais do criador, bem como os elementos que compõem a sua criação, o seu dossiê de criação podem ser encarados como circuitos de retroalimentação, considerando-se que cada elemento desses afeta e é afetado pelos demais. O efeito, portanto, é de mão dupla, nesse circuito em que a circularidade dá o tom.

A retroalimentação refere-se às conexões entre as partes e também às estruturas básicas dos elementos de um determinado sistema, à forma como tudo isso se relaciona. A retroalimentação pode ser positiva e negativa. A negativa caracteriza a homeostase (estado de constância) e, portanto, desempenha um papel importante na manutenção da estabilidade da relação sógnica dentro do processo criador. A retroalimentação positiva, por outro lado, conduz a mudanças mais complexas, isto é, levando à perda da estabilidade ou equilíbrio. Em ambos os casos, o que ocorre é um trânsito de informações entrando e saindo do sistema e as novas informações interferem no sistema como um todo. A diferença está em que, no caso da retroalimentação negativa, tal informação é usada para diminuir o desvio do sistema, ou de um conjunto de normas ou tendências – daí o adjetivo “negativo” –; enquanto que, no caso de retroalimentação positiva, a informação atua como medida para ampliar o desvio

do produto, e, por conseguinte, é positiva em relação à tendência para que ocorra transformação ou ruptura, forçando o sistema a uma mudança de segunda ordem.

Ao pensar nos movimentos de gênese, essa retroalimentação positiva ou a que tende a ampliar o desvio, é que seria responsável pelas maiores interferências que o autor faz nos seus manuscritos de trabalho. Quanto maior o desvio, maior o nível de flutuação ou instabilidade em uma determinada rede semiótica; pode-se pensar, então, que quando o desvio chega a tal ponto que é capaz de produzir um salto qualitativo no percurso de criativo, as rasuras de uma determinada versão chegam a um ponto de saturação tal que acabam gerando uma nova campanha de escrita. Ou mesmo, outra versão de um texto em estado de criação, que, novamente, busca chegar a um novo patamar de equilíbrio ou homeostase.

Os manuscritos de um determinado projeto poético, portanto, podem ser vistos como um sistema, governados por regras ou por leis, que regulam aquele sistema criativo em particular e que denunciam o estilo do criador. Este transita entre a força de homeostase ou de equilíbrio e a força do desvio ou desequilíbrio. Há uma constante dança ou tensão entre essas forças, que regem a criação. Os erros e rasuras dos manuscritos, que levam o criador a trilhar outros caminhos ou a gerar tantas versões quantas forem necessárias, podem funcionar ou ser vistos pelo geneticista como mecanismos homeostáticos operando para restabelecer o delicado equilíbrio do sistema “perturbado”. É evidente que a palavra “perturbado” não carrega nenhuma conotação negativa, mas refere-se às

interferências que a obra estética vai sofrendo, no seu percurso genético<sup>23</sup>.

De modo que a abordagem comunicativa do processo de criação obedece aos princípios de um sistema aberto, sendo cada campanha genética fruto de flutuações na sua própria estrutura interna que, por sua vez, levam a obra em *status nascendi* a outro nível organizacional, em busca de uma homeostase. Ou seja, em busca de uma versão que satisfaça, nem que seja temporariamente, o seu criador. Essas flutuações das estruturas, contudo, são capazes de movimentar a energia criativa de modo a gerar múltiplas campanhas de manuscritos de trabalho, que, por sua vez, poderão gerar sempre o aparecimento de tantas outras flutuações vistas como novas instabilidades no estilo comunicativo do autor.

Finalmente, a equifinalidade, a terceira propriedade, permite afirmar que, em um sistema circular, os resultados não são necessariamente determinados pelas suas condições iniciais, mas pela própria natureza do processo ou por parâmetros do próprio sistema. Von Bertalanffy<sup>24</sup> afirma que esta é a razão pela qual “o mesmo estado final pode ser alcançado a partir de condições iniciais diferentes e por diferentes maneiras”. Assim, não só muitas condições iniciais diferentes geram o mesmo resultado tido como “final”, mas diferentes resultados podem ser produzidos pelas mesmas causas.

No caso dos manuscritos de um determinado projeto poético, observa-se essa propriedade da equifinalidade em ação

---

<sup>23</sup> WATZLAWICK, P. *et al. Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: 1967, p. 122.

<sup>24</sup> VON BERTALANFFY, L. *The meaning of general system theory*. New York: Braziller, 1968, p. 40.

quando, por exemplo, o texto entregue ao público ou dado a ler, muitas vezes, não tem muito a ver com as suas condições ou propostas iniciais dos primeiros rascunhos. Isto porque a fase pré-editorial dos manuscritos, aquela que vem após a fase pré-redacional e a redacional<sup>25</sup>, esta pode não conter muitas marcas que apareceram no início daquele percurso visto como um sistema sîgnico. Este corolário se assenta sobre a premissa de que os parâmetros de um sistema nem sempre predominarão sobre as suas condições iniciais<sup>26</sup> e leva a constatar que os fenômenos se afetam mutuamente, em uma interação, dentro de um sistema sîgnico. Este axioma tem grande relevância para o estudo do processo de criação, uma vez aplicado à descrição de um dossiê genético.

E, ao se acompanhar um percurso criativo, é importante registrar o padrão dominante daquele processo em particular para se entender as leis que regem tal processo, portanto, para conseguir delinear o estilo do criador. Uma vez reconhecido esse padrão, o estilo será daí inferido, dentro do projeto poético do criador, que se articula com uma série de saberes. O pesquisador precisa, por isso, entender as operações e interconexões que compõem uma determinada relação sîgnica para constatar até que ponto ela pode se relacionar com outras áreas do conhecimento, levando em conta que a crítica genética é transdisciplinar; assim, se relaciona, invariavelmente, com tantas outras áreas do conhecimento. Considere-se que um sistema fechado não possui esta propriedade da equifinalidade, uma vez que seu estado tido como “final” é determinado pelas condições iniciais.

---

<sup>25</sup> BIASI, P. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

<sup>26</sup> FOLEY, Vincent. *Introdução à Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Ao se falar em processo de criação, reconhece-se, também, que pode haver subsistemas e supra-sistemas nessa complexa rede de informações. Tomando-se por base o artista e o seu sistema criador, pode-se considerá-lo em relação a subsistemas, como: outros criadores, que tenham influenciado o seu processo poético; ou um grupo de amigos com quem se relacione e tenha interferido na sua criação; enfim, grupos de pessoas, até dentro da própria família, que compartilhem do seu cotidiano e interfiram de algum modo no seu projeto poético. Já como supra-sistema, ter-se-ia o meio em que vive o artista, seu contexto sociocultural ou uma determinada comunidade a que pertença. Caso se tome como ponto de vista de observação o de uma determinada obra de arte em si, o subsistema pode ser composto por: grupos de rasuras de diferentes tipos; fragmentos manuscritos; troca de correspondência com outro artista, com um amigo com quem fale de sua criação; diários; conjunto de anotações; fotos; filmagens; gravações; maquetes; roteiros... E o que comporia o supra-sistema correspondente, neste caso? Poderia ser a totalidade de seus dossiês de criação, não apenas um determinado projeto poético voltado para a criação de uma determinada obra. Ou, ainda, certo projeto poético, a depender do ponto de vista adotado, poderia ser ao mesmo tempo tomado como um supra-sistema, se considerado em relação às diversas versões e manuscritos daquele mesmo projeto; ou um subsistema, se considerado em relação a outros subsistemas, vistos como ramificações do grande percurso do criador. Logo, a depender do ponto de vista da abordagem adotada, um sistema pode ser visto como sub ou supra-sistema, e vice versa. Tudo depende do ponto de vista do observador; quer um determinado signo, em determinado momento, seja visto como parte de um todo maior que o acolha, ou se

configure como um guarda-chuva para outros subsistemas que partam dele.

Koesler, como já mencionado, usou o termo *holon* para designar a relação das partes com o todo. Assim, o conceito de *holon*, também aplicado ao estudo do processo de criação, poderia abrigar, a um só tempo, o criador, o seu meio ou o contexto em que está inserido e toda uma comunidade de criadores das mais diversas épocas; ou a um fragmento manuscrito, ou a uma versão ou a uma campanha de um determinado projeto poético, ou mesmo à obra de um criador. De modo que podem se articular, a um só tempo, o todo e suas respectivas partes. Assim, o conceito de *holon* tanto enfatiza a autonomia e a auto-preservação do todo, como sugere uma energia integradora das partes. Isto porque cada todo contém a parte e cada parte contém a programação do todo. Parte e todo contém um ao outro em um processo contínuo, atual e corrente de comunicação, de inter-relação<sup>27</sup>.

Portanto, os sistemas vivos estão contidos uns dentro dos outros, mas, muitas vezes, não se misturam por estarem separados por meio de fronteiras que garantem a identidade individual daqueles determinados sistemas, o que os delimita em relação ao meio ambiente ao seu redor. As fronteiras têm como função: 1. delimitar o sistema; 2. proteger o interior do sistema de possíveis interferências não desejadas vindas do ambiente; 3. estabelecer trocas entre o sistema e o meio ambiente. Essas fronteiras entre sistemas ou dentro de um mesmo sistema servem para nutrir, defender e ordenar as trocas sistêmicas. Mas ao mesmo tempo, é imprescindível que a fronteira tenha certo grau de permeabilidade e possa então

---

<sup>27</sup> MINUCHIN, S. *Sistemas familiares*. Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 23.

filtrar a saída e a entrada de outras informações, ora permitindo, ora impedindo interferências no seu espaço.

Quando as trocas são insuficientes, as forças inovadoras que alimentam o sistema declinam e este pode entrar em colapso ou se fossilizar<sup>28</sup> (EVEN-ZOHAR, 2007); daí a necessidade de se manter um equilíbrio dessas forças no campo da criação. Isto porque as fronteiras de um subsistema são as regras que definem e protegem a diferenciação dos elementos que o compõem e é a negociação entre os subsistemas responsável pela expansão desse determinado subsistema.

A nitidez das fronteiras pode variar entre dois extremos: fronteiras rígidas e difusas. Quando a fronteira é rígida, a comunicação torna-se difícil e deverá ocorrer um prejuízo para todo o sistema<sup>29</sup>. Ao se pensar no processo criativo, quando isto ocorre, tal processo cresce em autonomia e individualidade, mas, perde em pertencimento, interdependência e interconexão. É quando o artista se isola de outros criadores, das outras pessoas do seu convívio, durante o seu processo criativo, o que acaba se refletindo na sua obra.

Mas, quando as fronteiras são difusas, o sistema ganha em pertencimento e perde em autonomia ou individualidade. A falta de diferenciação do subsistema desencoraja a exploração autônoma, e, quando isso ocorre, as habilidades cognitivo-afetivas do criador tendem a ficar inibidas<sup>30</sup>. No caso da criação, a falta de individualidade, quando tomada ao extremo, pode levar a obras pouco diferenciadas como o caso dos

---

<sup>28</sup> EVEN-ZOHAR, I. *Polissistemas de cultura*. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007.

<sup>29</sup> MINUCHIN, S. *Sistemas familiares*. Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

<sup>30</sup> Ibidem.

plágios, o que já seria um exemplo radical de falta de diferenciação.

Em realidade, todos os sistemas sógnicos transitam ao longo de um *continuum*, cujos pólos estão entre esses dois extremos: quer de fronteiras mais difusas, quer de fronteiras mais rígidas. O emaranhamento ou desligamento representa uma preferência por um tipo de interação e pode essa tendência variar ao longo do ciclo evolutivo de cada criador. Assim, um determinado subsistema pode tender para o emaranhamento, em certo momento, mas para uma posição mais desligada, em outro momento<sup>31</sup>. No entanto, os extremos dessa escala de interação (emaranhamento x desligamento) podem indicar áreas de dificuldades comunicativas no processo de criação, deixando o criador com sentimentos de isolamento e abandono, em um dado momento difícil de seu percurso. Mas, ao mesmo tempo, um momento de introspecção ou volta para o próprio mundo interior do artista pode lhe ser profícuo e gerar frutos promissores no percurso criativo, produzindo associações singulares e com uma marca profunda de individuação.

## REFLEXÕES FINAIS

A rede sógnica que constitui o processo de criação é, portanto, um sistema que opera através de padrões transacionais. As transações que se repetem estabelecem padrões de como, quando e com quem os elementos do sistema se relacionam uns com os outros, entendendo-se que a recorrência de certos padrões reforça o sistema e, conseqüentemente, aponta para o estilo do criador. Esses

---

<sup>31</sup> MINUCHIN, S. *Sistemas familiares*. Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

padrões transacionais, por sua vez, marcam e regulam a estrutura de um determinado sistema e apontam para as leis que regem tal sistema.

Pode-se perceber que, de um modo geral, o sistema oferece resistência a mudanças radicais e busca manter os padrões preferidos. Mas quando surgem situações de desequilíbrio do sistema, é comum haver mudanças no estilo do criador e novas reivindicações, novos traços sógnicos passam a ser privilegiados dentro daquele determinado sistema. Mas o sistema deve ser capaz de se adaptar sempre às novas situações, quando necessário. Nessa situação, é desejável que sejam mobilizados, com flexibilidade, padrões transacionais alternativos para que o criador possa responder às mudanças emergentes, quer de natureza interna ou externa. O sistema deve, por um lado, ser capaz de estar sempre se transformando para atender às solicitações requeridas, a fim de manter-se “aquecido”; ao mesmo tempo, por outro lado, convém garantir a individuação do criador, a sua singularidade. Uma dança entre continuidade e quebra de paradigmas se impõe, portanto, para garantir que o sistema continue vivo e produtivo. Por que temer os desvios se eles fazem parte do processo criador? Afinal, são as tensões que levam o criador e sua criação à auto-superação.

## REFERÊNCIAS

BIASI, P. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.  
BRADLEY, S. *et alii. The American tradition in Literature*. New York: Norton Book, 1990.  
CAPRA, F. *O ponto de mutação*. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_. *A teia da vida*. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1999.

\_\_\_\_\_. *As conexões ocultas*. Ciência para uma vida sustentável. SP: Cultrix, 2002.

ELIOT, T.S. Tradition and individual talent. *In: Critical theory since Plato*. N.York: Ed. Hazard Adams, 1971.

EVEN-ZOHAR, I. *Polissistemas de cultura*. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2007.

FOLEY, Vincent. *Introdução à Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. S.Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEFEVÈRE, A. The system: patronage. *In: LEFÈVÈRE, A. Translation, rewriting and the manipulation of literary frame*. London: Routledge, 1992.

MINUCHIN, S. *Sistemas familiares*. Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PESSIS-PARTERNAK *et al.* *Do caos à inteligência artificial*. Entrevistas com Ilya Prigogine e outros cientistas. S.Paulo: UNESP, 1993.

POORE, Charles (ed.). *The Hemingway reader*. New York: Charles Scribner's Sons, 1968.

SALLES, C. *Redes da criação*. Construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

VASCONCELLOS, M. José Esteves. *Terapia familiar sistêmica*. Bases cibernéticas. Rio de Janeiro: Editorial PSY II, 1995.

VON BERTALANFFY, L. *The meaning of general system theory*. New York: Braziller, 1968.

WATZLAWICK, P. *et al.* *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: 1967.